

Desvende-me

– O OPÚSCULO DO SUSPENSE –

Érica de Oliveira & João Paulo Hergesel

(organizadores)

Desvende-me

– O OPÚSCULO DO SUSPENSE –

1.^a edição



Editora Jogo de Palavras

• Alumínio, SP •

2019

Copyright © Editora Jogo de Palavras, 2019

Revisão:

Érica de Oliveira

Editoração:

João Paulo Hergesel

Ilustração de capa:

CC0 License

Design de capa:

Karol Póss

D478 Desvende-me: o opúsculo do suspense. / Vários autores ; organizado por Érica de Oliveira e João Paulo Hergesel. – Alumínio, SP : Jogo de Palavras, 2019.
56 p. ; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-80097-28-9

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Poesia brasileira. 4. Suspense. I. Oliveira, Érica de. II. Hergesel, João Paulo. III. Título.

CDD 869.8992
CDU 821.134.3(81)

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP • 2019
www.jogodepalavras.com

Sumário

A noite

Robinson Silva Alves 9

Ontem

Antonio Luiz Medeiros de Campos..... 10

Passos na madrugada

Thaís Costa de Almeida..... 11

Pesadelo

Silvia Ferrante..... 12

Medo mínimo

Paulo Eduardo de Barros Veiga..... 13

PLAFT! PLAFT! PLAFT!

Rafael Ruiz Zafalon de Paula..... 14

O homem no meio-fio

Nathalia Martins 15

Tudo acabou?

Mirian Viana Silva..... 16

Noite no castelo

Millena Batista da Silva Souza..... 17

Terror da Madrugada

Mateus Pedrozo Oliveira 18

Encantamento

Maria Elza Fernandes Melo Reis 20

O conflito das vozes

Marcelo Pedralina de Souza..... 21

Noite sem lua

Marcela Montalto..... 22

Suspense para alma	
<i>Marcelo Fouquet Rosembrock</i>	23
Duendes existem?	
<i>Lúcia Helena Gomes</i>	24
Solução de problemas	
<i>Gabriel Henriques de Menezes Teixeira de Araujo</i>	27
Vale da sombra e da morte	
<i>José Renato Ferraz da Silveira</i>	28
A sombra e seu corpo	
<i>Fabrizio Nascioli</i>	29
O revide	
<i>Kárita Helen da Silva</i>	30
Reflexo	
<i>Rangel Paiva</i>	32
Suspense	
<i>João Libero Rosa Marques</i>	34
Cinco horas	
<i>Marco DePaiva</i>	36
Soneto Leve	
<i>Caio César Souza Mariano Fraga</i>	38
Isancidade	
<i>Hokusai Xin</i>	39
Ao Diabo de mim mesma	
<i>Bruna Reis da Silva Modesto</i>	40
Vagante noite	
<i>Celane Tomaz</i>	42
A casa	
<i>Betty Alvarez</i>	44

Presença e Ausência

Ana Maria..... 45

-

Ale Marques 46

Vielas

Yuri de Jesus Vieira 48

Reflexão

Ana Camila Pini..... 50

Contato dos autores 53

A noite

Robinson Silva Alves

Naquela noite
Uivos são ouvidos
Gritos de morte
Horríveis gemidos

Pássaros de fogo
Sobrevoam os céus
Trazem mistérios
Escondidos ao léu

Mistérios profanos
Emergem da terra
A criatura ronda
Uma indomável fera

Na procura de vítimas
Vagam pelas ruas
Escondidos nas sombras
Sob a luz da lua

Segredos secretos
Sangue derramado
Noite de dor
Noite de pecado.

Ontem

Antonio Luiz Medeiros de Campos

Ontem eu me matei e não foi nada limpo,
A angústia foi o nó, na corda entrelaçada pelas palavras
não ditas, que me sufocaram uma última vez.
Das navalhas, a mais afiada, a ansiedade cortou minha
alma e dela jorraram os pensamentos que tentava
[segurar.

Me afoguei em uma banheira de lembranças que não
mais voltarão

Ontem eu me matei, da forma mais dolorosa existente

Ontem eu me matei,

Com a própria vida.

Passos na madrugada

Thaís Costa de Almeida

Acordei no meio da noite
Enquanto os passos se aproximavam ,
o silêncio era atordoador
Enquanto o vento leve abundava a casa.

Havia alguém ali na escuridão,
Deixando cair uma carta,
Era meu grande amor
que ia embora como um fantasma.

Meu coração tinha medo,
minha mente pedia coragem,
Entre esses dois sentimentos eu estava.

Não queria ver você ir embora
queria que você tivesse ficado
não queria ter ouvido os passos na madrugada.

Pesadelo

Silvia Ferrante

De repente, o frio
Sinto o sangue quase congelar
em minhas veias
Tento correr por esse labirinto sombrio
e descobro que, quanto mais corro
menos saio do lugar
Azar

Vou, desespero-me
e o frio corta minha pele
o ar chega a faltar
Olho de um lado para outro
nada

Tenho medo
correndo
tento me esvaziar de emoções
porém, não consigo
gelo

Quero que esse flagelo termine
que a vida me ensine
Viro, tropeço, alcanço o final

Aí, quando abro a porta à minha frente
ainda não vejo o sol
Tudo é escuro, é frio
e o sangue, congela em minhas veias

Medo mínimo

Paulo Eduardo de Barros Veiga

Silêncio sem prosa
janela chuvosa

cama medrosa
noite assombrosa

tenebrosa

TENEBROSA.

PLAFT! PLAFT! PLAFT!

Rafael Ruiz Zafalon de Paula

Tramas do passado
Tomados meus sentidos
Chorosos cantos reprimidos
Titubeando desgovernado

Plaft! plaft! plaft! (...)

Sinhô, lapadas acolhem-me, por quê?
— Juras a ti faço, sou carinhoso!
— Desalegre? Estou com você!
Mas Sinhô, gotejo farto sangue, e por quê?

Plaft! plaft! plaft! (...)

Sacou-me sangue fértil
Cativou-lhe um pajem
Alforria, brasão e charque saboroso

Despercebido na terra estéril
Finei-me sob a paisagem
Lacrimando este vinho doloroso.

O homem no meio-fio

Nathalia Martins

Andando pela sombra
Cuidado para não cair
Um único passo falho é suficiente
Para o seu mundo sucumbir

A linha é tênue entre a vida e a morte
Qual delas lhe parece mais atrativa?
Um único passo falho
Para o seu destino ruir

Um pé atrás do outro
Mãos cheias, olhares vazios
Basta um empurrãozinho
Para que eu consiga lhe ferir

Na esquerda uma garrafa
Na direita sua família
Qual lhe faz mais feliz?
Certamente o abismo da morte

Caindo, caindo, caindo
Na teia que teceste
Será eu ou você
O alvo da enganação?

Tudo acabou?

Mirian Viana Silva

Entrei no quarto
A luz estava apagada
O que poderia estar lá?
Seria você, assim desesperada.

A chuva caía, a porta batia
No suspense da noite escura
Uma esperança ainda havia
Seria você com a mente obscura

De pensar que tudo acabara
Seria verdade ou mentira,
Pensar que você me esperava,
E se ainda sentimento existia?

Aquele sentimento de amor
Que outrora nos acompanhava
Mas, agora tudo acabou?
E a luz, continua apagada?

Noite no castelo

Millena Batista da Silva Souza

Em uma noite fria e chuvosa
crianças estavam a conversar
com lanternas sob seus rostos
e histórias de terror a contar

Os ventos uivavam lá fora
arrastando as folhas pelo chão
abrindo cortinas ao vento
apagando a lareira, então

Tudo escuro agora estava
depois do candelabro ter caído,
passos foram ouvidos, e a porta foi se abrindo

em um ímpeto, as lanternas se apagaram
vê-se a figura de um homem à porta
“Alguém quer um pedaço de torta?”

Terror da Madrugada

Mateus Pedrozo Oliveira

No silêncio da noite
Inteirava a madrugada
Ouvi passos de pernoite

Esperava que batesse à porta
Mas entrou pela comporta

Preso em meus cobertores
Senti um calafrio na espinha
Será um dos predadores?
Temi a vida que ainda tinha

Este entrou pela cozinha
Passou junto ao fogão
Algo que nem sei se tinha
Rebateu ao chão

Pulei da cama
Lembrei do aviso no noticiário
Um assassino que a morte chama
O Famoso fantasma do vigário
Ou um foragido presidiário

Seus passos pela escada
Ecoaram o corredor
Conseguiria eu sair pela sacada?
Meu coração palpita, está ensurdecedor

Temo que tenha me ouvido
Sua sombra havia me seguido
Luto ou fujo? Fico dividido

Vejo-o à porta levemente avançar
Lancei-me num canto visando implorar
Minha hora é essa, morrerei sem chorar!
Não há tempo nem para gritar!

Incrédulo com o que via,
Enormes olhos predadores
Um corpo negro e aveludado
Apercebera-me, todavia
Que o que temia, não havia

Apenas o bichano moribundo
Da mulher que falecera
Se aventurando pelo mundo
Numa noite corriqueira.

Encantamento

Maria Elza Fernandes Melo Reis

Eu plena de amor
Perambulava em noite de lua cheia
Meio loba, meio mulher
Descalça e descabelada
Vagava na madrugada
Seguindo você
Vi tua sombra no lampejo da lua
Corria entre os reflexos e arvoredos
Desvendando teus medos
Sonhos e segredos
Eu, loba apaixonada
Seduzida e encantada
Pela brisa, magia e canto
Seguia teus passos
Era uma noite pra se maravilhar
Pra se guardar na memória
Fazer amor e histórias
Foi assim...
Exatamente assim que aconteceu
Noite de amor e mistério
Te perdi de vista
Mas te encontrei nos meus braços
Com a alma despida
Eu revestida de sonhos
Dancei sob a luz da lua
Enquanto as estrelas no céu
Faziam festa para celebrar nosso amor.

O conflito das vozes

Marcelo Pedralina de Souza

Vozes falando em sua cabeça
Tagarelando insistentemente
Para que sua coragem adormeça
Tomar ou não uma decisão?

Uma das vozes sempre pondera,
Imaginando situação que não se espera
Tudo para ela é notícia má:
"Desista, deixe isto para lá!"

A outra, sempre com tom otimista
E caso você, hipoteticamente, desista
Ela provoca, te chama de covarde:
"Vai desistir? Agora, já é tarde!"

E você fica em meio a isso
Fazendo papel de omissor
Ouvindo o que elas têm a dizer
Simplesmente sem saber o que fazer

Se houvesse um jeito de as calar,
Ao menos uma maneira de as encarar,
Se com elas, você pudesse dialogar
Onde é que você poderia estar?

Noite sem lua

Marcela Montalto

Morte escura
O silêncio tortura
A dor abafada
É noite sem lua

Coração em pedaços
Cortado, rasgado
Um nó na garganta
Sem ponta, nem laço

A voz exprimida
Dentro chorada
Socorro, socorro
Ninguém na estrada

Vazio quieto
Choro materno
Gelado, calado
Falta um abraço

Braços de amor
De cuidado, calor
Aquecer do frio
Ser chama, ardor

A luz acender
Do céu estrelado
Que une os amantes
Se faz ser amado.

Suspense para alma

Marcelo Fouquet Rosembrock

Fiz tuas, as minhas palavras
Coloquei um pouco mais de emoções
Suspense e sentimento
Pitadas a mais de sedução
Li no seu texto que tens manias
Adoras soltar os cabelos
Caminhar com pés descalços
Pela praia nua
Outra mania, é gostar das pequenas coisas
Sentindo a felicidade na essência
Buscas a batida perfeita
Para breves e felizes momentos
Naqueles instantes raros
E, eu aqui me deleito com a silhueta
Com a sinuosidade à flor da pele
Me seduzes, me enfeitiças
Com a tua mansidão morena
Olhar de menina... tua alma é magia
Seduzes e enfeitiças
Quem de ti se aproxima
E por ti, simplesmente se apaixona
Tal é a beleza desta alma
Meus escritos tem um pouco de Neruda
Outro tanto de Drummond
Tem paixão e desejo
És total encantamento
Ao escrever sobre você
Te eternizo em loucas palavras

Duendes existem?

Lúcia Helena Gomes

A ideia de escorregar num arco-íris me deslumbrava.
Então naquele fim de tarde,
Após a chuva cessar,
Abri a janela do meu quarto
Que ficava nos fundos da minha casa
E me deparei com um arco-íris espetacular.
Jamais havia visto um arco multicolorido tão lindo!
Fiquei hipnotizada por alguns segundos,
Não conseguia parar de admirá-lo...
De repente, as folhas da árvore em frente à minha janela
Começaram a balançar intensamente...
Não acreditei!
Um ser pequenino e verde notei.
Tinha uma roupa engraçada,
Chapéu contendo uma pena,
Sapatos pontiagudos.
Ele percebeu que eu o via,
Parou de se movimentar
E me olhou fixamente.
Tantas coisas passaram em minha mente:
Será que é um duende?
O que ele pretende?
É do bem ou do mal?
Esse homenzinho é real?...
Como num passe de mágica ele sumiu.
Esfreguei os olhos...
Ao abri-los o ser de trinta centímetros
Estava no parapeito da janela.

Instintivamente deu um pulo para trás,
Quase desmaiei de susto!

E ele me disse:

“Não seja injusto,
Não precisa ter medo,
Vim apenas te convidar
Para no arco-íris escorregar,
Porém você tem que me prometer
Que no meu pote de ouro não irá mexer,
Sou o duende Helgo, muito prazer.”

Eu, com o coração ainda acelerado,
Falei entusiasmado:

“Uau!

Duendes existem de verdade!

É claro que aceito o convite!

Esta vontade me acompanha há muitos anos,
Mas achava que era pensamento dos insanos.
Você pode realizar meu desejo? ”.

O duende falou novamente:

“Sim! Não estou te chamando para vir comigo?

Quero que seja meu amigo.

Prometa que não vai roubar meu pote de ouro

No final do arco-íris? ”

Eu concordei:

“Prometo! ”

Helgo segurou a minha mão

E voamos juntos para o ápice do arco multicolorido.

Ele sentou em cima da cor verde,

Eu, da azul.

Ao olhar para baixo,

Senti um frio na barriga.

Helgo sorriu:
“Vai desistir?”
Sorri de volta:
“Nunca! Vamos?”
E deslizamos...
Foi uma sensação incrível,
O melhor sonho de toda a minha vida!...
Quando acordei
No meu travesseiro achei
Uma moeda de ouro
Gravada com o seguinte:
“Um amigo é o maior tesouro
Que alguém pode ter.”
Corri para o computador
E pesquisei na internet.
Lá encontrei escrito:
“Helgo, o duende da sorte,
Quem conquista sua simpatia,
Tem o desejo realizado.”
Fiquei abismado!...

Até hoje não consigo entender o que aconteceu,
Porque a moeda de ouro desapareceu,
E nada mais de incomum ocorreu.

Solução de problemas

Gabriel Henriques de Menezes Teixeira de Araujo

Qual redenção para a depressão secular?

Quem sofre desse mal irreconhecível?

Seria isso algo que seja crível?

Seríamos nós culpados, por não suportar e matar?

Não consigo mais me alegrar;

Não reconheço mais o meu nível;

Não deviam acender meu combustível;

Mais uma vez ponho-me a gritar;

Não consigo mais sustentar meu mundo;

Não consigo mais esconder meu pavor;

Tolos eles, clamam-se superiores;

Não decepcionará isso aqueles que sinto amor?

Não importa! Aos gatilhos, aos escarnecedores!

Desde que cusпам fogo, hão de entender minha dor.

Vale da sombra e da morte

José Renato Ferraz da Silveira

Atravessei o vale da sombra e da morte,
Numa noite polar, glacial, sombria e rude.
O céu estava escuro.
Ouvi sussurros,
Risadas mórbidas,
Vi corpos mutilados,
Apodreciam e emitiam sonoros ruídos, gemidos e
gritos de dor.
Eram devorados por diversas criaturas diabólicas,
Uma delas me olhou com desejo.
O corpo era metade tubarão e cachorro. Os olhos
assemelhavam-se a de uma cobra.
Os olhos da terrível entidade maligna me cobiçavam
como uma cobra diante de uma frágil lebre.
O frio tomou conta de meu corpo.
Pensei: — Onde estou? Por que estou aqui? Estou
morto?
— Senhor!!!
Corri e a monstruosa besta perseguiu-me até a
chegada de uma luz. Uma intensa luz.
Despertei.
E estava num quarto de hospital.
Havia uma mulher no quarto.
Era uma enfermeira.
Ela sorriu e disse: — Bom dia!
E olhei, fixamente, para os olhos dela.
Comecei a tremer de medo e pavor...

A sombra e seu corpo

Fabrizio Nascioli

Sentado no banco da praça mais bela da cidade de
desejos,
eu observava o pôr do sol
que fazia belo o começo do anoitecer nesta estação de
cheiros de primavera,
com cores quentes e vibrantes,
meu corpo se retorcia de contentamento
e desejos se afloravam,
parecia que nunca tinha sentido algo assim tão forte,
a noite se fez presente
e com ela surgiu aos meus olhos
a silhueta de uma sombra,
bela,
forte,
de tónus estruturado.
Seria difícil não persegui-la,
afinal,
senti que era ela que poderia mudar meu mundo.
Tão rápido quanto o surgimento da primeira estrela,
me vi caminhando em busca dela,
a sombra e seu corpo,
que mexia com meus poros e me arrepiava a espinha,
o coração,
minha vontade era simples,
agarrar e nunca mais soltar,
acariciar e nunca mais parar de beijar.

O revide

Kárita Helen da Silva

Ele descia correndo as escadas
com medo de ser reconhecido
De camisa branca, manchada
cambaleava entre os feridos

a bomba caseira detonada
no antigo prédio da rua doze
havia deixado uma mulher morta
por volta de vinte e uma e quatorze

Estarrecido com a cena
tentou tirar-lhe o anel do dedo
Em poucos minutos, a polícia
descobriria seu segredo

Deu a volta no quarteirão
acelerou o carro e partiu
distanciou-se da multidão
certo de que ninguém o viu

Em casa, a esposa,
sobre a mesa, pólvora,
entre os dedos, um anel.
E sua face destilando fel

Sem uma palavra dizer
por falta de coragem
fingiu não reconhecer
o anel da infidelidade

O dia amanheceu
e tudo parecia normal
A notícia na tevê
falava em crime intencional

Ela pergunta ao marido
se a moça conhecia
já que ele trabalhava
perto de onde ela residia

De boca seca e lábios trêmulos
prontamente responde que não
e os movimentos da esposa
observava com atenção

aliviado com o passar das horas
despediu-se para trabalhar
ela perguntou-lhe carinhosa
Se hoje, cedo ele iria chegar

Com o retorno positivo
acenou para o marido
e disse, imperturbavelmente,
que esperaria, se fosse preciso.

Reflexo

Rangel Paiva

Frente ao espelho manchado
obnubilado,
por suspiros infames alcoólicos de uma respiração
pesada
de um fim de domingo à noite,
não vejo minha face!
Mas sei que estou ali...

Quanto mais me olho
menos me vejo
Mas sei quem sou!
Florescem sentimentos absurdos
que transitam
entre total estranhamento e certeza absoluta
espero que surja ali uma face
um fato
continua obnubilado
percebo que saber quem é
não é garantia de ser
Cotovelos na pia, mais acuidade visual,
imagens ausentes insistem
em dar um tom de suspense dramático ao óbvio
sim, eu estou ali
ou melhor, aqui
O objeto sempre está para além da consciência
que se tem dele
concordo comigo
ensaio um aceno com a cabeça que não vejo

as mãos tocam os olhos
são como afagos esperançosos
quem sabe seja biológico! Seria um mal menor!
Nada acontece

Uma risada no canto da boca sela a ironia
levo as mãos ao espelho
com a água turva da pia
e lá está ele no reflexo
parado
estático
imóvel
Ninguém

Suspense

João Libero Rosa Marques

Ele pegou o microfone,
pensou um pouco e concentrando-se,
inspirou o ar profundamente,
para solta-lo depois, lentamente.
Assim, relaxado e concentrado,
iniciou a gravação, com muita firmeza.
ternamente, amorosamente,
mas, com muita paixão!
Suspirou e disse ao microfone:
"Se você realmente me ama,
fale agora, sem nenhum receio.
Não deixe para depois.
Depois poderá ser muito tarde!
Agora é o momento certo,
ou um dia você vai se dar conta
de que cometeu um grande erro.
E que deixou passar a felicidade
que estava em suas mãos.
E que, por medo, por orgulho
ou por arrogância, não a agarrou!
Pense bem, hoje estou aqui.
Amanhã posso não estar mais.
Ou você fala agora,
ou vai perder a oportunidade
de ser e de me fazer feliz.
Você sabe o que tenho no coração.
O tamanho do meu amor por você.
Mas, sua hesitação vai me levar

a desistir de você para sempre!
E é uma pena isso acontecer,
pois eu te amo demais!”
Ele gravou a mensagem,
enviou e esperou a resposta dela
Que veio!

Cinco horas

Marco DePaiva

Cinco horas
Silêncio só
Ouvindo sombras.
Às vezes o silêncio
Molda
Cria
Intervalos e criaturas.
Silêncio só
Na madrugada inóspita
Noite terminal na mente.
Vez em quando zune
Voz de motor
Passos de pessoas
Pode ser longe
Ou dentro da cabeça.
Nada silencioso
Na ponta do cano de descarga.
Silêncio só
Às vezes
Quando o grilo cala
Há insônia nos dígitos do relógio
Cinco horas
Hora dos fantasmas invisíveis passearem
Nos cantos da cidade
Hora da neblina
Esconder vultos.
O silêncio ameaçado
Pede silêncio

O trem de ferro aproxima
Com sua armadura
De mansinho para não barulhar.
Cinco horas
E uns quebrados
Silêncio interrompido.

Soneto Leve

Caio César Souza Mariano Fraga

Essa minha vida é um verdadeiro mistério
E talvez não devesse levá-la tão a sério.
Com tantos e variados altos e baixos,
Às vezes, penso: simplesmente não me encaixo...

Todos nós gostaríamos de mais certezas,
Todos nós gostaríamos de mais respostas,
Já que ninguém quer sentir aquela tristeza
De não ser capaz de estar junto de quem gosta.

Porém, a vida é um suspense do início ao fim.
É isso, simples. Sem delongas e sem rodeios.
Não controlo personagens, nem mesmo enredo.
Talvez, e digo talvez, apenas a mim.

Então, sofro, sorrio, mas sempre crescendo.
Sigo leve, errando, mas sempre aprendendo!

Isancidade

Hokusai Xin

Um
sinal
Grito de trânsito
Vida
Vermelho
O
cachorro outro parado
Carro passa carro
Capotado

Um
Monte lixo música
de barulho
gente buzina
bares garrafas
ruas engarrafadas
lares
luzes lágrimas
vermelhas

Ao Diabo de mim mesma

Bruna Reis da Silva Modesto

Estou seduzida pela loucura
e condenada à morte!
Ou à matança?

Não há cura, macumba ou ouvidos
ninguém acredita
subestimam-me!

Se existe um Deus,
por que me fez alma perdida?
errante, ignóbil, vazia...

Ambígua persona, vil
o reflexo que não condiz
com a conduta, hostil

Duas faces em conflito
onde já fora nomeado o campeão

Onde esconde-se, ó Diabinho?
apresenta-me teu perdão!

Ajoelha-te à mim
implore minhas lágrimas
implore minha benção!

Quantas vezes dissemos mentiras
para manter o controle
e a boa aparência?

Ninguém te vê, Diabinho!
Eu carrego teu fardo maquiavélico
eu escondo teus atos imundos

Eu choro o sangue que tuas mãos dilaceraram
eu limpo as facas que beijastes com tesão
Eu, Diabinho, EU!

Tu não sabes como é sofrido
como me dói não ser quem és
como os humanos não me dão a mão!

Ninguém nos entende, Diabinho.
Matemos todos, então.

“Vagante noite”

Celane Tomaz

diante da frieza de um céu pleno azul de profundezas
diante deste céu de estrelas ofuscadas
sobre a quentura do asfalto
do dia que se aquietou
de mais um dia
de silêncio no caos ensurdecedor
de mais um dia
de sutis afagos
de impensáveis abraços
em que suspensos num ar rarefeito
tateiam no escuro lampejos de claridade
vagantes almas
procuram cegas ventura e calma
em rotinas de doses amargas de realidade

sob olhares atentos
rasga-se o verbo inalcançável
sob o brio de olhos imensos
de amores alheios
miseráveis seres amáveis

olhos nos olhos
risos e tormentos
olhos sem olhos
de outros - serenos
se espelham devaneios a doses fulminantes de
palavras
se vivem nus anseios aos goles incessantes de

loucura
embriagam-se e se tragam fumaças de verdade
enquanto se retraça linhas tortuosas e ab(surdas)
dolorosas memórias
desejos proibidos
natureza morta
vileza e vaidade
exala pelos poros a confissão de segredos
desnudando-se na altivez da voz
calando
seus medos
era mais uma noite
de profundo sono
transcendente pesadelo

preciso retornar àquela noite
encher meu copo
vomitar meus versos
transbordar vazios

e depois voltar
ao lapidar dos açoites
ao amanhecer dos dias
aos escuros insone
às noites vadias

A casa

Betty Alvarez

Quando a primeira porta foi trancada?
O que importa é que mais
e mais portas se fecharam.
Ainda assim, os recintos não acabavam.
Com os anos a casa ficou lotada
e por fim a placa de vagas retirada.

Presença e Ausência

Ana Maria

Tua presença é tão meiga, tua presença é gigante
Tua presença é tão longe, tua presença é brilhante.
Quando bem perto de ti eu o sinto tão atraente
Pensando o tempo inteiro, em cenas tão comoventes.

Tua ausência deprime, tua ausência esmaga
Tua ausência adormece, tua ausência me acaba.
Tua presença é tão curta, tua presença é escassa
Tua presença é cara, tua presença é tão rara!

O tenho a todo instante dentro do meu coração
Quando fica distante, bate em mim só a solidão.
Tua ausência machuca, tua ausência me rói
Tua ausência incomoda, tua ausência me dói!

Tua ausência adocece, tua ausência me choca
Tua ausência atropela, tua ausência me mata.
Tua presença é tão forte, tua presença é linda
Tua presença é tão quente, tua presença é só minha!

-
Ale Marques

Eu estou presa dentro de mim.
É um sentimento horrível não se sentir. Não poder se
libertar de si mesmo,
Nem aos gritos, nem aos socos.
Só lutando em vão,
Tentando se encontrar onde já deveria estar.
Esse Estar que nunca parece o suficiente,
Esse Se que tranca a minha respiração.

Se meu eu é o meu carcereiro,
Então quem comanda meus pensamentos?
Minha mente deve vagar tentando se conectar a mim.
A mim.
Não a ele.
O carcereiro que insiste em me puxar e jogar no chão
sem piedade,
Com os olhos cheio de palavras rasgadas.
Sua visão se foi.
Foi tomada.

Continuo catando o que resta de mim no chão,
Sem nunca encará-lo nos olhos-palavras.
Eu tento me encaixar em cada lugar,
Em cada órgão, membro...
Mas, sempre cai.
Sempre.

Ele se ajoelha em minha frente.
Eu levanto a cabeça.
Estou o encarando, finalmente.
Suas palavras vão criando vida
E tomam conta de seu rosto pálido.
É uma confusão de fontes.
Ele apoia a testa na minha e suas palavras passam
para mim.
Eu, a perdida.
Eu, a encarceirada.
Eu, sem mim.
Tudo entra em seu devido lugar.
Eu me liberto das minhas próprias amarras
invisíveis,
Fico ali, guria solitária,
Com o corpo formado por palavras, Encarando outro
corpo.
Esse vazio.
Esse eu vazio.

Vielas

Yuri de Jesus Vieira

Vielas quietas e escuras às três da madrugada,
Estou de volta para casa e ouço passos
que não são meus.

Há algo esquisito:
Sinto odores, ouço gritos,
Essas vielas escuras têm sons de cacos de vidro.

Sussurros me perseguem, ecoam nos meus ouvidos,
Uma leve neblina vem e ofusca minha visão,
Meu coração acelera, pânico me consome.

Sinto forte presença de algo que não vejo,
Sinto um frio intenso e álgido,
Sinto ânsias e anseios,
Meu coração: cada vez mais aflito.

Um gato preto que cruza a sombria viela olha
fixamente nos meus olhos
Dá um forte berro e some,
O nervosismo me abraça nessa madrugada fúnebre.

Malditos vultos em meio à neblina sussurram
blasfêmias,
Sinto agonia e minhas mãos além de frias,
trêmulas.

Oh! madrugada lutuosa onde o silêncio gera angústia,
Pensamentos, dores, culpas,
Vultos nela a vagar sem paz nem placidez
Onde calafrios percorrem minha carne e mãos gélidas
minha nuca.

Reflexão

Ana Camila Pini

(Sus)pense
Sobre quanto tempo ainda
Esperarei por você
No jardim
(Sus)penso
Repenso
Tento considerar possibilidades
Eliminar expectativas
Tento usar o bom senso

Minha voz ecoa
No vazio
Sem resposta

A vida é rara
O tempo, passa
E a gente, amarrotada (o),
De mão atada
No trem – no trilho
Sufocada (o)
No vai e vem
Quando, finalmente,
Chega a estação
Eu salto? Ou permaneço?
Eu hiberno? Ou floresço?
Estou sempre à espera
Buscando o destino
Que não é ponto final

Submissa

Aceito menos que mereço

Na dependência do que é externo

Enquanto almejo o eterno

Na ilusão de uma garantia

No suspiro

No sufoco

De uma dúvida –

Ouvindo Skank

Cantando Marília

Procurando uma saída

Decifrando enigmas

De que adianta

Sofrer, supor, saber

Se você não vem?

Assassinos

Thiago William Rodrigues

O frio da noite camufla o infame:
O impiedoso assassino praticante.
Criatura esguia, em negro sicário,
Carregas um nome a ser abatido.

Sob o silêncio do tempo chuvoso,
O notívago evolui sobre os becos.
Laminas gélidas; bainha de couro,
Espreitam as brechas de proveito.

Velho escrúpulo furto oportunista,
Calcula o passo de cada investida,
Apreciando o terreno emboscado.

Movimento fugaz e determinante:
Adaga empunhada, seca de morte,
Avança em alinhado, rumo pescoço.

Contato dos autores

Ale Marques:
bakerstreet122b@gmail.com

Ana Camila Pini:
ana.camila1901@gmail.com

Ana Maria:
anna.amestista@hotmail.com

Antonio Luiz Medeiros de Campos:
antonio.camppos2@hotmail.com

Betty Alvarez:
betty.campinas@gmail.com

Bruna Reis da Silva Modesto:
dihribeiro_@hotmail.com

Caio César Souza Mariano Fraga:
caio_csmf@hotmail.com

Celane Tomaz:
celanestomaz@gmail.com

Fabrizio Nascioli:
fabrizzionascioli@gmail.com

Gabriel Henriques de Menezes Teixeira de Araujo:
ghmtaraujo@yahoo.com.br

Hokusai Xin:
bruno.lg550@hotmail.com

João Libero Rosa Marques:
joaolibero46@gmail.com

José Renato Ferraz da Silveira:
jreferraz@hotmail.com

Káríta Helen da Silva:
helenkarita@yahoo.com.br

Lúcia Helena Gomes:
luhegomes@gmail.com

Marcela Montalto:
marcelacristinamontalto@gmail.com

Marcelo Fouquet Rosembrock:
marcelofouquet@gmail.com

Marcelo Pedralina de Souza:
mpedralina@gmail.com

Marco DePaiva:
demarcopaiva@gmail.com

Maria Elza Fernandes Melo Reis
elzamelomaria@gmail.com

Mateus Pedrozo Oliveira:
matheus98po@gmail.com

Millena Batista da Silva Souza:
millenabatista.ss@hotmail.com

Mirian Viana Silva:
mirianmission@gamil.com

Nathalia Martins:
nathymapb@gmail.com

Paulo Eduardo de Barros Veiga:
pebveiga@gmail.com

Rafael Ruiz Zafalon de Paula
rafaelzafalonartes@gmail.com

Rangel Paiva:
jreferraz@hotmail.com

Robinson Silva Alves:
hiatuspoeta@gmail.com

Silvia Ferrante:
silviaferrante2@gmail.com

Thaís Costa de Almeida:
thais11costa@hotmail.com

Thiago Rodrigues:
thiago.crf.rn@hotmail.com

Yuri de Jesus Vieira:
yurivieira936@gmail.com

**Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em julho de 2019.**